

Notas de abertura

ANA MARIA RAMALHEIRA

1. Sobre a *RUA-L. Revista da Universidade de Aveiro – Letras*

A *RUA-L* foi fundada no ano de 1984 pela direção do Departamento de Línguas e Culturas (DLC), então coordenada pelo Prof. Doutor Albino de Matos, com o objectivo de divulgar trabalhos de investigação nos domínios da Literatura, Cultura e Ciências da Linguagem e de contribuir para um aprofundamento da discussão científica em torno dos mais variados temas ligados a estas áreas de estudo. De 1984 a 2007 foram dados à estampa 24 volumes (vd. Arquivo no sítio da *RUA-L*, em <http://rual.web.ua.pt>). O projecto, interrompido por vicissitudes várias, foi retomado em 2009 pela mão da minha colega Maria Manuel Baptista que, na qualidade de coordenadora da Comissão Científica do DLC, propôs a constituição de um grupo de trabalho, que acabou por ser formado por mim própria e pelos meus colegas Nuno Rosmaninho e Reinaldo Silva (o actual Conselho Redactorial da revista), com a incumbência de repensar e de reerguer o projecto *RUA-L*.

Sucessivamente dirigida por diversos docentes ligados à Comissão Científica do DLC, a *RUA-L* visa publicar essencialmente textos de carácter ensaístico, bem como textos literários e recensões no âmbito das Ciências Sociais e Humanas, *latu sensu*, incluindo resultados da investigação, provas académicas e eventos culturais realizados no quadro quer dos cursos de Licenciatura, de Mestrado e de Doutoramento oferecidos pelo DLC, quer do Centro de Línguas e Culturas (CLC) associado a este Departamento. A *RUA-L* propõe-se divulgar igualmente produção científica de docentes e investigadores ligados a outras instituições ou centros de investigação portugueses e estrangeiros, estimulando, nos planos nacional e internacional, a reflexão, o diálogo, a cooperação e o desenvolvimento de actividades científicas em rede.

Aberta assim à participação de todos os interessados, a *RUA-L* privilegiará artigos de investigação e leituras críticas assentes em métodos e perspectivas de abordagem actuais. Avessa a escolas ou a qualquer proselitismo de índole

política, ideológica ou religiosa, esta revista orienta-se apenas por critérios de qualidade científica, no incontornável respeito pela pluralidade de pontos de vista, tendo como objectivo contribuir para um diálogo ideológico e (inter)cultural franco, susceptível de fomentar a tolerância, a compreensão e o respeito pela alteridade, bem como, em última (ou primeira) instância, a paz.

Com um grafismo renovado na capa e no miolo, o volume de 2012, subordinado ao tema «O(s) Rosto(s) da Europa», enceta a segunda série da *RUA-L*, que passa a ser organizada por volumes temáticos com periodicidade anual.

O Conselho Redactorial da revista aceita propostas de publicação de artigos e textos literários em português, inglês, francês, alemão ou espanhol, que serão por sua vez sujeitos a uma avaliação prévia por parte da Comissão Científica, constituída por investigadores e docentes de reconhecido mérito científico ligados à Universidade de Aveiro e a outras instituições de Ensino Superior e centros de investigação portugueses e estrangeiros. Esta Comissão Científica poderá ser alargada a especialistas no âmbito da temática em apreço em cada volume, mediante proposta do(s) respectivos Coordenador(es). Sobre a organização e as normas de publicação da *RUA-L*, vd. o sítio da revista no URL supramencionado.

2. Apresentação do volume «O(s) Rosto(s) da Europa»

O presente volume está organizado em quatro partes: artigos, textos literários, resenhas / textos de apresentação e eventos culturais / provas académicas realizados no DLC em 2012. Do núcleo dos artigos, constam estudos de hermenêutica (inter)cultural relacionados com a Europa de índole diversa. Integram o conjunto de estudos sobre obras literárias, incluindo de tradução e de teatro, artigos sobre Padre António Vieira (Luís Machado de Abreu), Miguel Torga (Carlos Carranca e Dora Nunes Gago), António Lobo Antunes (Maralde Meyer-Minnemann) e ainda sobre o projecto teatral *Europa, És tão Linda* (Carlos Fragateiro). Neste núcleo contam-se igualmente estudos de índole histórico-cultural, designadamente sobre representações da Alemanha unificada na imprensa periódica portuguesa (Ana Luísa Santos Freire Mouro), sobre brasileiros e portugueses que receberam o título de *Justos entre as nações*, concedido pelo *Museu Yad Vashem* de Jerusalém (Jacques Fux / Darlan Santos) e ainda sobre três estátuas portuguesas nos Estados Unidos da América do Norte (Reinaldo Silva). O núcleo dos artigos inclui também dois estudos mais de índole sociocultural e demográfica, que incidem sobre a pobreza, o Terceiro Sector e a Economia

Civil (João Loureiro) e sobre o envelhecimento da população, a «guerra de gerações» e a «força primitiva» da família como «capital social» (Ana Maria Pinhão Ramalheira). No capítulo dos artigos, podem ler-se também estudos críticos de índole filosófica, nomeadamente um conjunto de reflexões sobre a Europa (Miguel Real) e sobre a prática da filosofia ocidental em aconselhamento e no *Coaching* (António Vasconcelos Nogueira). No âmbito da Ciências da Linguagem, são de referir os estudos a propósito do discurso da crise financeira europeia sob diversas perspectivas (Susan Howcroft), do projecto transeuropeu AMPER e o arquipélago da Madeira (Helena Rebelo) e ainda de topónimos europeus em nomes de empresas em Portugal (Rosa Lúcia Coimbra / Lurdes de Castro Moutinho).

Do núcleo relativo aos textos literários propriamente ditos, ganham uma relevância especial, no actual contexto de crise económica, política e cultural por que atravessa o Velho Continente, as diversas sensibilidades que ressumam dos poemas e narrativas de autores de diferentes gerações, nomeadamente de João de Mancelos, Miguel Real, Nuno Camarneiro, Regina Correia e Ricardo Marques.

O presente volume inclui ainda um conjunto de recensões e textos de apresentação de obras diversas dadas à estampa em 2011, 2012 e 2013, nomeadamente *Eça de Queiroz. Silêncios, Sombras e Ocultações* (monografia) de A. Campos Matos, *Sinais de Cinza: Estudos de Literatura* (monografia) de António Manuel Ferreira, *Acta Est Fabula. Memórias I - Lourenço Marques (1930-1947)* (crónica) de Eugénio Lisboa, *A Terra da Rainha – Retratos Portugueses no Reino Unido* (monografia) de Isabel Maria Fidalgo Mateus, *Crise no Castelo da Cultura. Das Estrelas para os Ecrãs* (ensaio) de Moisés de Lemos Martins, *Sou Mercúrio, Já Fui Água / Noite Andarilha* (poesia) de Regina Correia e *A Edição em Portugal (1970-2010): Percursos e Perspectivas* (monografia) de Rui Beja.

Sublinhe-se finalmente que todos os artigos agora vindos a lume, obviamente alvo de pareceres favoráveis emitidos por especialistas afectos ao Conselho Científico da revista, são da inteira responsabilidade dos respectivos autores.

Dada a forte contestação de que continua a ser alvo o Acordo Ortográfico de 1990 (cuja fase de transição alegadamente começou em 2009 e terminará em 2015), a Coordenadora do presente volume entendeu não uniformizar a ortografia do português, respeitando a opção de cada autor. Este número da *RUA-L* reflecte assim uma das muitas fases de transição no longo e instável processo de aplicação do novo Acordo Ortográfico.

3. Palavras de agradecimento

A primeira palavra de sentida gratidão vai obviamente para todos os autores que generosamente colaboraram neste primeiro volume de uma *RUA-L* renovada, disponibilizando-se ao diálogo em torno de uma temática tão vasta quanto complexa e que continua na ordem do dia.

A todos os membros da Comissão Científica da revista que foram chamados a dar pareceres sobre os artigos propostos para este número, incluindo sobre os que não foram aceites para publicação, o meu mais sentido bem-haja.

Ao meu colega Carlos Morais, Director do DLC, agradeço não só a cuidada disponibilização das informações sobre os eventos culturais e as provas académicas que tiveram lugar no Departamento ao longo de 2012, mas também as valiosas sugestões e a generosa abertura para o diálogo que com ele fui mantendo ao longo do processo de elaboração do presente volume e do sítio da *RUA-L* na Internet.

Ao meu colega Reinaldo Silva, agradeço a competente e paciente tradução para o inglês do texto de chamada de artigos e dos resumos de alguns dos artigos.

Para com a Ana Sofia Pinho, minha ex-aluna, licenciada e Mestre em Estudos Editoriais, a Joana Almeida, a Marta Santos e a Marta Vieira, alunas do Mestrado em Estudos Editoriais, contraí uma dívida de gratidão pelo apoio voluntário e sempre solícito que deram a este projecto na revisão de provas tipográficas, na organização de ficheiros e de *dossiers*, na actualização do sítio da revista na Internet e em todo o longo processo de repensar o *design* da capa.

Estou igualmente grata à *designer* Ana Salomé Santos, que soube dar corpo, no logótipo da revista, à ideia de mosaico (também associada à calçada e aos azulejos portugueses), que uma revista, mesmo subordinada a um tema específico, acaba sempre por consubstanciar.

Aos meus amigos Engenheiros Leonardo e Juliana Opitz, proprietários das empresas Teleformar (Formação e Sistemas Informáticos, Lda.) e Idea Factory (Sistemas Informáticos, Lda.), bem como ao José Oliveira, funcionário da Teleformar, agradeço reconhecidamente o zelo e a competência profissional que dedicaram à elaboração do belo sítio da *RUA-L* na Internet.

Uma merecida palavra de reconhecimento também para o Pedro Bandeira, para o Jorge Silva, para o Carlos Gonçalves e para toda a equipa da Clássica – Artes Gráficas SA (Rio Tinto) pelo empenhado profissionalismo com que acompanharam, respectivamente, a paginação, a direcção técnica, a composição gráfica da capa e a impressão do presente volume da *RUA-L*.

Um devido e sentido agradecimento às herdeiras de Almada Negreiros, na pessoa da Arquitecta Rita Almada Negreiros, que autorizaram, a título gracioso, a reprodução, na capa, do belíssimo desenho do artista, inspirado no poema de Fernando Pessoa «O dos Castelos», cujos primeiro e último versos, escritos no canto superior esquerdo («A Europa jaz, posta nos cotovelos: / O rosto com que fita é Portugal.»), servem de mote à imagem da mulher que simboliza o Velho Continente. É óbvio que foi igualmente o poema de Pessoa (na senda de Luís de Camões, n' *Os Lusíadas*, e de Miguel de Unamuno, no soneto «Portugal»; vd. também os mapas seiscentistas que servem de separadores ao presente volume) que iluminou o título deste primeiro número da segunda série da *RUA-L*. Ao Dr. Manuel Brito, digníssimo proprietário do desenho em apreço de Almada Negreiros, fico também muito reconhecida por me ter dado de imediato autorização para o reproduzir sem custos e ainda por me ter generosamente disponibilizado fotografias do mesmo com a necessária definição.

Estou igualmente muito grata ao fotógrafo profissional Senhor José Carlos Pratas pela disponibilidade generosa e solícita com que se deslocou propositadamente a casa do Dr. Manuel Brito para tirar uma fotografia do desenho de Almada Negreiros com a qualidade e resolução necessárias à sua reprodução na capa deste volume.

4. Texto da chamada de artigos para o presente volume

O DOS CASTELOS

A Europa jaz, posta nos cotovelos:
De Oriente a Ocidente jaz, fitando,
E toldam-lhe românticos cabelos
Olhos gregos, lembrando.

O cotovelo esquerdo é recuado;
O direito é em ângulo disposto.
Aquele diz Itália onde é pousado;
Este diz Inglaterra onde, afastado,

A mão sustenta, em que se apoia o rosto.
Fita, com olhar esfíngico e fatal,
O Ocidente, futuro do passado.

O rosto com que fita é Portugal.

Fernando Pessoa, in: *Mensagem* (1928).

O tema Europa abrange uma imensa e heteróclita bibliografia e continua a fazer correr muita tinta. A discussão em torno da «ideia de Europa», que abarca obviamente aspectos geográficos, políticos, económicos e culturais, adquiriu recentemente novos contornos à luz da profunda crise económica por que atravessa o Velho Continente principalmente desde 2008.

O pluralismo linguístico e a diversidade cultural que caracterizam a Europa não têm impedido contudo que os Estados que a integram tenham vindo a partilhar não só vivências históricas, decorrentes de alianças, disputas políticas e conflitos religiosos, mas também ideias, literatura, música, tecnologia... Nos últimos 60 anos, após duas sangrentas guerras mundiais – que foram também, e principalmente, «guerras civis europeias» – têm sido dados passos importantes na construção da Europa tal como hoje a conhecemos. Com o fim da II Guerra Mundial e com a Declaração Schuman, os seis países fundadores da Comunidade Europeia do Carvão e do Aço propuseram-se tirar partido dos ensinamentos do passado e construir laços de solidariedade, em que a fusão dos interesses económicos contribuiria para a melhoria do nível de vida e para a criação de uma comunidade económica.

Com a queda do Muro de Berlim e o concomitante desmoronamento do Comunismo na Europa Central e Oriental, assiste-se a uma nova fase no estreitamento das relações entre os países europeus, em larga medida impulsionado por uma Alemanha, a braços com a Reunificação, e por uma França inquieta, desdobrando-se em manobras diplomáticas tendentes a assegurar que as mudanças geopolíticas no xadrez europeu se desenrolassem sob o chapéu da Europa. O subsequente desmoronamento do Bloco de Leste, a invasão do Afeganistão, a Guerra do Golfo, o *Não* à Constituição Europeia e as reações da Alemanha e da França à crise económica por que atravessam os chamados PIIGS (um acrónimo de manifesta conotação disfórica que tem tido uma fortuna excepcional, principalmente na imprensa de língua inglesa, sobretudo britânica) são muitos vezes invocados pelos eurocépticos nas suas manifestações de descrédito e desencantamento. Desde os Tratados de Roma, um triunfo para os europeístas, como Robert Schuman e Jean Monnet, até ao recente Tratado de Lisboa, foram sucessivamente assinados diversos documentos com o objectivo de aproximar económica e politicamente os Estados europeus. Este caminho foi trilhado com significativos avanços e recuos, aos quais a Europa todavia continua a sobreviver, contrariando uma morte recorrentemente anunciada.

Será que o Mercado Único e os Acordos de Schengen contribuíram de facto para criar uma cidadania europeia e uma concomitante identidade europeia (no sentido de consciência de uma comunidade ligada por laços de afectividade),

como foi institucionalizado no Tratado da União Europeia? Como é que este sentimento de cidadania/identidade europeia se manifesta e em que é que se fundamenta? Como é que tem sido representado nas mais diversas áreas, designadamente *modus vivendi*, historiografia, literatura, música, artes plásticas, arquitetura, cinema, teatro, filosofia, direito, religião, matemática, demografia, mercado livreiro e de tradução, relações diplomáticas, empresariais, etc. Obama referiu-se recentemente de forma euforizante ao «caráter americano». Existirá igualmente um «caráter europeu»?

Por outro lado, quais os fatores políticos e culturais que poderão explicar a resistência de alguns países à assinatura de uma constituição europeia? O que é que une e o que divide histórica e culturalmente os diversos Estados europeus? O que é que os distingue e o que os aproxima da tão propalada ideia de Europa? Quais são as matrizes da cultura europeia e, principalmente, como é que elas se têm manifestado nas mais diversas áreas culturais? Como é que tem evoluído a ideia de Europa nas suas vertentes cultural, política e geográfica? Até que ponto é que a crise que se tem feito sentir desde 2008, e que tem afectado principalmente os países periféricos, está a atrasar o processo de construção da Europa, ressuscitando velhos fantasmas e fazendo vir à tona certos estereótipos? Em que medida é que os recentes ditames económicos da Alemanha de Merkel e da França de Sarkozy (unanimemente consideradas as «nações-pivot» da Europa) em relação aos chamados PIIGS poderão servir de entrave à prossecução do processo de cooperação no sentido de uma prosperidade europeia assente numa união de soberanias nacionais, como previsto no Tratado de Maastricht, bem como à ideia da Europa como Eldorado que culminou na assinatura do Tratado de Lisboa? Quais os momentos, fases ou períodos históricos de afastamento e de (re)ligação dos Estados à Europa? Que imagens e/ou representações dos vizinhos e parceiros europeus é que circulam entre os vários Estados nos mais diversos domínios de hermenêutica intercultural, designadamente historiografia, literatura, teatro, cinema, imprensa periódica, manuais escolares, etc.? Como é que têm sido diacronicamente representados, dentro e fora da Europa, nomeadamente em (ex)colónias, conceitos como francofilia/francofobia, germanofilia/germonofobia, lusofilia/lusofobia ou outros semelhantes? Como é que têm sido representados os preconceitos em relação à Europa do Sul, depreciativamente designada também por «Club Med»? Quais os aspectos específicos das culturas nacionais, nos domínios da filosofia, religião, literatura, música, escultura, pintura, cinema, teatro, entre outros, que poderão servir de sustentáculo a uma união política europeia baseada num verdadeiro sentido de solidariedade?

Qual o papel da memória ou dos *lieux de mémoire* na construção de uma identidade europeia? Quais as representações do imaginário cultural europeu? Como é que se têm manifestado e o que significarão (também historicamente) expressões como literatura europeia, cinema europeu, teatro europeu, pintura europeia, escultura europeia, música europeia, etc.? Em que premissas assentam e de que forma são representados, nos mais diversos domínios, desde a política até às mais variadas manifestações artísticas, os argumentos dos eurocépticos e os argumentos dos europeístas convictos a propósito da cidadania europeia e da construção política? O que é que significa verdadeiramente ser europeu e como é que esse sentimento se manifesta? A cidadania da União Europeia será apenas um conceito económico, político e jurídico ou será mais do que isso? A partilha de raízes cristãs, de ideais democráticos e de objectivos económicos será suficiente para consubstanciar uma cidadania/identidade europeia?

Será mesmo que, como afirma Eduardo Lourenço, a América que se prepara para ser o Império Romano que a Europa não tem a força de sonhar? Como é que se terá vindo a manifestar a falada «americanização» da Europa? Em que medida é que a intervenção militar de Estados europeus na Bósnia e no Iraque, no âmbito da NATO, contribuiu para uma união ou para uma divisão política, ética e cultural europeia.

Qual o papel que desempenham as religiões na cultura e/ou mundividência europeia? Como é que se posiciona o Cristianismo como factor de identidade da Europa? Que lugar tem vindo a ser ocupado pelo Islão na velha e na nova Europa? Como é que se posiciona o Islamismo nas democracias liberais europeias, em que, como propunha Jürgen Habermas, os cidadãos devem ser leais e sentir-se identificados não com uma identidade cultural comum, mas sim com princípios constitucionais que garantam plenamente os seus direitos e liberdades? Qual o papel e a influência das religiões na Europa nos planos das ideias, dos *modi vivendi* e das mais diversas manifestações culturais (literatura, artes plásticas, teatro, cinema, filosofia, direito europeu, etc.)? Como é que se manifestam as confissões religiosas e respectivas mundividências numa Europa que conta hoje com um número significativo de pessoas que se autodescrevem como sem religião, agnósticas e ateias? Em que medida é que uma assumida alteridade cultural dos «Estados-Nação» pode constituir-se como entrave, ou como alavanca, ao chamado projecto europeu? As nações assentarão em mitos, em realidades históricas ou na sobreposição de ambos? O que é que distinguirá o conceito político e jurídico afecto à cidadania/identidade europeia do conceito de cidadania/identidade nacional? O que é que distingue culturalmente os diversos «Estados-Nação»? Quais os desafios que hoje em

dia, com a globalização impulsionada pela Internet, se colocam a este tipo de organização política e económica? Que fortuna é teve a ideia de Nação, tal como foi politicamente elaborada nos séculos XVIII e XIX? Como é que têm evoluído nos vários países europeus os conceitos de identidade nacional e de consciência colectiva? Ainda fará sentido falar-se em Pátria? Quais os estereótipos e/ou os mitos que são associados às diversas nações europeias, como é que se têm manifestado, como é que têm sido recebidos e em que medida é que servirão de obstáculo, ou de impulso, a uma identidade europeia? A ideia de Europa tem vindo a ser representada como espelho dos «Estados-Nação» e/ou como mito? Qual o contributo específico de cada Estado para o pensamento, a literatura, a música e outras formas de manifestações culturais de matriz europeia? O que é que significa e que consequências acarretará, a vários níveis, uma Europa a várias velocidades? Que repercussões, nos planos político e cultural, é que teria um eventual afastamento da Grécia do Euro (incontestavelmente considerada, juntamente com Roma – e Jerusalém – um dos berços da cultura ocidental), ou de qualquer outro país (semi)periférico?

Como é que esta Europa envelhecida, em que muitos cidadãos apesar de tudo continuam a não se rever, pode ser refundada, reabilitada, regenerada ou relançada num mundo globalizado? Haverá ideias, mitos ou utopias suscetíveis de mobilizar os cidadãos dos diversos países em torno de uma certa ideia de Europa? A solução estará no tratado constitucional (por alguns aparentemente tão ansiado) que os referendos em França e na Holanda rejeitaram? Ou o tão propalado federalismo não passará de mais uma bandeira de vã retórica? Será possível refundar a Europa sem uma participação activa e massiva dos seus cidadãos? O que foi, o que é ou o que vai ser a Europa? Ficção, realidade, mito, ideal ou utopia? Enfim, a Europa hodierna será mais consentânea com o Hino da Alegria ou com um Requiem?...

A ideia da Europa como uma rainha virada para o oceano, sendo Portugal a sua coroa e Espanha a sua face, terá sido configurada pela primeira vez no mapa «Europa Regina», uma gravura em madeira em duas folhas, publicada em Paris (1537; 63 x 42 cm), da autoria do cartógrafo tirolês Johann Putsch [forma latinizada: Johannes Bucius] (1516-1542), para celebrar o domínio dos Habsburgos sobre a Europa. Deste mapa, que se encontra em Innsbruck, no Tiroler Landesmuseum Ferdinandeum, foram sucessivamente feitas diversas versões (vd. separadores, *infra*).